

Patrimônio Cultural de Pernambuco

COLEÇÃO CULTO AFRO-BRASILEIRO: O TESTEMUNHO DO XANGÔ PERNAMBUCANO

Reunindo 307 peças em madeira, tecido, folhas-de-flandres, ferro, cerâmica, gesso, couro, palitos de dendezeiro, cabaças, chifres, conchas, cascos de tartaruga, entre outros tipos de materiais, temos a coleção Culto Afro-Brasileiro - Um Testemunho de Xangô Pernambucano, acervo que revela técnicas, formas, usos e, principalmente, a marca determinante do estilo de culto desenvolvido nos terreiros do Recife, na época em que tantos objetos foram tomados dos seus espaços sagrados pela repressão policial, na década de quarenta. Hoje, tão valioso conjunto de peças atesta a vida religiosa dos Xangôs, e como cada objeto representa a sua intenção de Culto, incluindo-se níveis de marcante sincretismo com imagens de santos católicos integradas à compreensão ritual do deus africano, e como este se apresenta, visualmente, em seus objetos, nos terreiros de Xangô. Ao mesmo tempo, o abebê em latão dourado é Oxum, como também a imagem em gesso policromado de N. S. do Carmo é Oxum. Individualmente nos objetos ou nas montagens dos assentamentos, vê-se a intencionalidade de estabelecer a permanência do orixá nos seus utensílios ordenados no interior dos pejis. Observam-se, na coleção, algumas pedras sacralizadas, otás ou itás, que na verdade litúrgica do terreiro é a parte do assentamento mais importante, sendo guarnecida com objetos em barro, metal, tecido, contas, búzios e outros. As chamadas louças do santo ou louças de assenta-

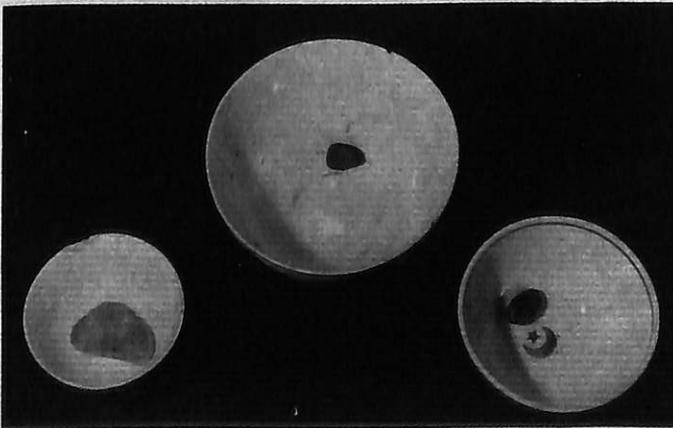
mento também compõem o acervo, e algumas têm particulares sinais, como é o caso de uma tijela branca, que recebeu, no seu interior, a pintura de uma estrela e uma meia-lua, marcas evidentes do islamismo. Isso reforça a vertente afro-islâmica, tão significativa para o entendimento do africano no Brasil, e de tanta expressão que, muitas vezes, é travestida de sínteses étnicas em processos deculturativos. Outro exemplo são as gamelas em madeira, que são pintadas de vermelho e branco, ou apenas lixadas na cor natural. Essas gamelas, que são alongadas, têm importância decisiva na organização dos assentos rituais do orixá Xangô, juntamente com os pilões e mãos-de-pilão, todos em madeira. Gamela, pilão e a pedra do santo, que formam seu assento, recebendo ainda os machados duplos, oxês, ferramenta religiosa que determina a dualidade e também a justiça de Xangô, em sua leitura plena por parte dos adeptos dos terreiros. A coleção, que ora analisamos, reúne variedades de oxês, em madeira e em folhas-de-flandres. O oxê é um objeto decisivo para o nível de ortodoxia do terreiro. Congrega enorme carga simbólica, e seu conhecimento denota muita informação e muito preceito religioso, que são respeitados pelos iniciados no orixá Xangô, especialmente, e por toda a comunidade do terreiro. Compram-se, hoje, oxês em madeira nas barracas de ervas de artigos de terreiro, no Mercado São José, Recife. No entanto, nota-se a particularidade de cada

oxê que integra a coleção, seja em dimensões, ou em detalhes significativos para a sua diferença de outro oxê, como às vezes o predomínio do vermelho sobre o branco, ou totalmente pintado de vermelho, o aparecimento de letras, possíveis iniciais dos nomes do dono do objeto ou da qualidade do orixá Xangô.

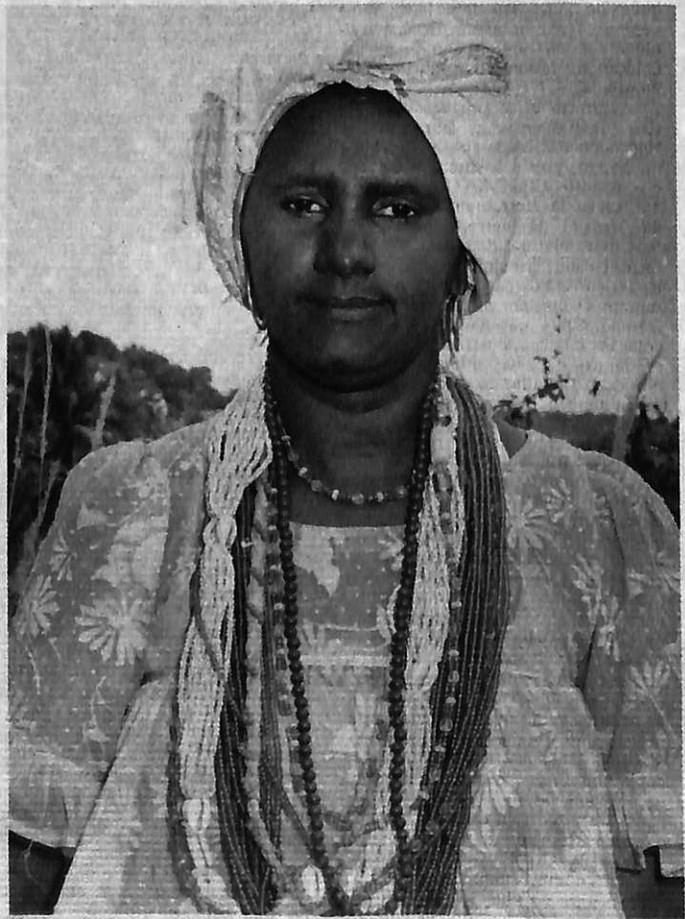
Destacam-se também algumas peças de indumentária, tais como capacetes, pulseiras, panos de roupa, como as chamadas ferramentas que complementam o traje cerimonial do orixá. A roupa é síntese da estória do

orixá, cada detalhe, materiais, uso de cores, maneiras de dispor os tecidos na construção do traje têm intencional significado para caracterizar o santo como ele é, como ele se apresenta para o cumprimento do seu domínio nos planos da natureza como na ancestralidade.

Os instrumentos musicais assumem destaque nos objetos dos terreiros de Xangô e notadamente na Coleção do Museu do Estado de Pernambuco. Consta-se expressivo conjunto de instrumentos musicais de percussão dos grupos membrafônico e



Acervo



Acervo

Ac-374022
800-1
8950316

idiofônico. São os xaque-xaque, xequedê, xere ou maracá, chocalho feito em folha-de-flandres, pintado nas cores do orixá Xangô, vermelho e branco, ou na cor do próprio flandres. Os ilus de encouramento simples ou duplo demonstram as técnicas de retesamento do couro por encordamento com o uso de arco de ferro e cordas de algodão ou por tacheamento direto no corpo do instrumento. O ilu de encouramento duplo é raro para o Xangô pernambucano, pois pela sua própria formulação é um instrumento de uso em cortejos, quando o músico se utiliza de alça em fios de algodão para poder, com as duas mãos, percutir ambas as bocas. A percussão é feita sem o uso de baquetas, denotando evidente marca étnica dos lorubanos, notadamente do grupo Gexá, que muito se utiliza desse tipo de instrumento de encouramento duplo para a execução dos ritmos de conotação religiosa conhecidos nos cultos afro-brasileiros como Gexá, predominantemente na Bahia. Outro tipo de ilu é aquele feito com um corpo de barrica de madeira, pintada ou envernizada, recebendo encouramento em apenas uma boca, e para o seu uso é apoiado diretamente no chão ou encaixado em suporte de madeira. Esses ilus são encontrados para os toques, ritmos religiosos do terreiro em conjunto de dois, três ou mais, completando o agogô ou gã. Têm percussão com as mãos diretamente sobre o couro, podendo em casos específicos usar os aguidavis, baquetas geralmente confeccionadas de galhos de goiabeira ou araçazeiro. Para o Xangô tradicional, percutem-se os ilus com as mãos. Conguês em ferro, instrumento peculiar dos cortejos do Maracatu, e que têm percussão com haste também de ferro, integram os testemunhos dos instrumentos musicais na coleção do Museu do Estado de Pernambuco.

Assumem estes gonguês significativo vínculo entre os Maracatus de Nação ou Africanos com os terreiros de Xangô, pois é costume guardá-los nos assentos rituais de Ogum, senhor do ferro, das ferramentas agrícolas, das armas e da guerra. Lanças e molhos de miniaturas de ferramentas em ferro batido, usualmente encontradas na agricultura da cana, também representam Ogum, em sua ação de transformador dos materiais e do solo. A coleção incorpora variado conjunto de lanças e dessas miniaturas, lembrando o trabalho do campo, no caso do homem que vive do açúcar, plantando e colhendo cana, é como isso aparece nos seus padrões religiosos. É indivisível a compreensão vida e culto, o momento do culto é espaço aberto à expressão da fé, mantendo sempre presente os elementos da religião no cotidiano e integradamente nas formas de economia. Ainda relacionando os objetos sagrados dos Maracatus com os Xangôs, destacamos as calungas, que assumem a privacidade dos pejis para a sua guarda, e na proximidade dos cortejos de rua a elas eram dedicados rituais de ressocialização. Observa-se no acervo o aparecimento de duas bonecas de pano, trajando roupas especiais, portando distintivos de fios de contas em cores simbólicas, recebendo identificação como possíveis calungas ou bonecas de uso ritual dos erés, quando da saída do estado de posse do iniciado pelo seu Orixá, sercindo, no caso, a boneca como brinquedo.

O xarará e o ibiri são dois outros objetos que têm destaque na coleção,

pelos significados que possuem e pelo seguimento do rigor do artesanato dedicado às suas feitura. Com o uso de palitos de dendezeiro e couro é apresentado o xarará, ferramenta ritual de Omolu, senhor das doenças e das curas. Também com palitos de dendezeiro, fita de tecido e penas de aves se caracteriza o ibiri, ferramenta ritual dedicada a Nanã, senhora das chuvas, da lama, da vida e da morte. Hoje, nos terreiros de Xangô, Nanã é um orixá que não se faz, ou seja, não há mais iniciação, segundo informações coletadas, em 1971, em pesquisa de campo realizada no tradicional reduto religioso que é o terreiro de Pai Adão, conhecido como o Sítio.

Os eruxins, espanadores de rabo de boi, também integram o significativo patrimônio da coleção dos objetos religiosos do Xangô pernambucano, podendo também ser interpretados como os eruquerês. A primeira designação, quando é a ferramenta ritual do orixá Iansã ou Oiaí, e, na segunda designação, quando é a ferramenta ritual do orixá Odé ou Oxóssi.

As bengalas em madeira de uso específico de Orixalá ou Oxalá em sua qualidade de Oxulufá, o velho, ou o Oxalá velho, caminha apoiado no seu pachorô, cajado cerimonial, ferramenta exclusiva desse Orixá. São bengalas brancas e prateadas em madeira e receberam interpretação marcante pelos artesãos do Xangô pernambucano, diferenciando-as virtualmente dos pachorôs dos Candomblés baianos feitos de metal prateado, encimados por globo, pomba, pendendo correntes com folhas, peixes, estrelas, moedas e guisos, todos também prateados.

Destacam-se nesse diverso conjunto de objetos religiosos e de empregos tão determinados pelas suas formas, materiais e cores, os textos das chamadas rezas ou orações fortes. Elas aparecem na coleção como importantes indicadores da penetração católica vista pela ótica sincrética e adaptativa do praticante do terreiro. São orações católicas adaptadas ou orações construídas para cada tipo de situação, possuindo eficácia para fins determinados ou momentos especiais. Ler, usar e guardar os textos das orações, na maioria dos casos, assumem rigoroso preceito que é cumprido pelos adeptos e também simpatizantes dos Xangôs.

Merecem também observação especial duas placas em madeira que anunciam os terreiros, nomes de casas de culto, revelando preocupação de indicar publicamente o espaço do Xangô perante a comunidade, o que na época dependia de muita coragem, pois a polícia, entre outros agentes sociais, efetuava repressão aos cultos afro-brasileiros.

Santos católicos em madeira e gesso policromados revelam a presença da imaginária de nossas senhoras e de santos muito populares, como Santo Antônio e São Cosme e Damião, compartilhante dos pejis, com as gamelas, alguidares, oxês, lanças, gonguês, ilus, abebês e muitos outros utensílios de culto. Vêm-se, em quantidade e em variedade de denominações, Nossas Senhoras do Carmo, Conceição e Ana, todas interpretadas pela vertente da maternidade, vistas também como divindades ligadas às águas, à fertilidade e, conseqüentemente à vida. Isso possui um forte relacionamento com a natureza da cidade do Recife, banhada pelo mar e entrecortada pelos rios Capibaribe e Beberibe, com

seus afluentes e braços. As águas fazem parte da vida do recifense, os laços com a pesca, com a economia vinha do mar e dos rios, são ampliados pelas ligações, além Atlântico, com os africanos da Costa da África Ocidental. Tudo isso aciona e determina um verdadeiro modelo na organização do terreiro de Xangô, tão presente e atuante na vida do recifense. Justifica-se, assim, a grande popularidade do orixá Iemanjá no Recife, como também a presença de N. S. do Carmo, padroeira da cidade, que assume outra dimensão com o sincretismo de Oxum.

Atenta-se, na coleção, com especial interesse, para quatro esculturas em madeira, possuindo nítidas funções de representar quatro orixás dos mais cultuados nos terreiros: Iemanjá, Oxum, Xangô e Oxalá. Essas peças destacam-se dos demais objetos da coleção, assumindo importância não apenas simbólica, como também de exemplo de desempenho artesanal. Cada uma dessas esculturas possui elaboração detalhada, incluindo-se a confecção de roupas em tecidos, bordados, acessórios em contas e metais que vestem as figuras em madeira, assumindo a importância de ser o Ori-

xá, quando o objeto transcende o nível da representação.

Na leitura dos objetos da coleção do Museu do Estado de Pernambuco, houve o explícito cuidado de não hierarquização de peças quando, cada uma vale por si, ocupando uma função, comportando um conteúdo próprio, incorporando para o seu uso a marca evidente da utilidade e da representação.

Inequivocamente, a coleção Culto Afro-Brasileira - Um Testemunho do Xangô Pernambucano - apresenta, hoje, um valioso conjunto de objetos que passaram pelos seus espaços sagrados e que assumiram suas marcas religiosas para importantes momentos da vida dos terreiros de Xangô. Além das tecnologias, da criação, adaptação das formas, texturas e cores, esses objetos são portadores da construção religiosa do afro-pernambucano, na sua elaboração, sendo reveladores da compreensão do mundo e das relações de poder entre os planos dos deuses e dos homens.

Raul Lody



Assis



Assis



Assis